

DA FNFI-UFRJ À UFF: A CRIAÇÃO DA APSERJ E A ACISERJ NA
PROFISSÃO DE SOCIÓLOGO - ENTREVISTA COM
GISÁLIO CERQUEIRA FILHO

Gracielle Rodrigues¹

Lier Pires Ferreira²

Roberto Mosca Junior Junior³

RESUMO: Entrevista concedida, como as demais que integram o presente Dossiê da Revista Perspectiva Sociológica, como parte do resgate da memória de fatos e passagens relacionados ao processo de formação da Associação Profissional dos Sociólogos do Estado do Rio de Janeiro (APSERJ) nos anos 1980. Os relatos jogam luz sobre a discussão da profissão de sociólogo, que acabou abrindo caminho para luta pela reinserção da Sociologia na escola básica, no segmento então nomeado 2º grau, com a aprovação da obrigatoriedade alcançada na constituição estadual de 1989. São sete depoimentos de cientistas sociais que se envolveram em maior ou menor grau na criação da Associação e na luta pelo retorno da sociologia a escola básica. A presente entrevista é um depoimento de Gisálcio Cerqueira professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense - UFF . Os depoimentos fazem parte de uma série de entrevistas realizadas entre setembro 2020 e janeiro 2021 no âmbito da pesquisa acadêmica “Organizações e Lutas pelo Ensino de Sociologia na Educação Básica” proposta pelo prof. Lier Pires em parceria com o prof. Roberto Mosca Junior e a bolsista Gracielle Rodrigues do Programa de Iniciação à Docência desenvolvida no contexto da licenciatura em Ciências Sociais Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

166

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia, Sociologia no Ensino Médio, Movimentos Sociais, Memória.

ABSTRACT: The interview granted herein, like the others included in this Dossier of the Sociological Perspective (issue #32), forms part of cultural memory work through the recovery of facts and pathways, relating to the formation process of the Professional Association of Sociologists of the State of Rio de Janeiro (APSERJ) in the 1980s. The reports shed light on discussions about the sociologist profession, which ended up paving

¹ Graduanda em Psicologia - Universidade Veiga de Almeida. Ex-bolsista no PIBID/CP2 - 2020.

² Doutor em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Titular do Colégio Pedro II. Pesquisador do Laboratório de Estudos Políticos de Defesa e Segurança Pública (Lepdesp/UERJ) e do Núcleo de Estudos dos Países BRICS (NuBRICS/UFF).

³ Doutorando e mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS/UERJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UERJ. Pesquisador (CNPq) do LAEDH/CPII, na linha de pesquisa do Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória (GECISME). Professor do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

the way in the struggle for the reinsertion of Sociology into basic education, in what was then called the 2nd grade, with the approval of this obligation achieved in the 1989 state constitution. There are seven accounts from social scientists who were involved to a greater or lesser extent in the creation of the Association and in the fight for the return of sociology to basic education. This interview is an account from Gisálio Cerqueira, a professor in the Department of Political Science at the Federal Fluminense University - UFF. The accounts are part of a series of interviews carried out between September 2020 and January 2021, as part of the academic research “Organizations and Struggles for the Teaching of Sociology in Basic Education”, proposed by Prof. Lier Pires in partnership with Prof. Roberto Mosca Junior and scholarship holder Gracielle Rodrigues from the Teaching Initiation Program developed in the context of the Social Sciences diploma at Colégio Pedro II, PIBID/CP2.

KEYWORDS: Teaching of Sociology, Sociology in High School, Social Movements, Memory.

Roberto Mosca Júnior (RMJ): Olá, professor Gisálio! A gente vem recolhendo depoimentos de uma série de profissionais das Ciências Sociais do Rio de Janeiro, a princípio, para construir um acervo relativo a APSERJ e ao ensino de Sociologia no Segundo Grau, depois no Ensino Médio. Mas algumas entrevistas já nos mostraram a necessidade, por exemplo, de voltar um pouquinho para trás, falar da Associação dos Cientistas Sociais do Estado do Rio de Janeiro (ACISERJ). Na verdade, alguns entrevistados, como a Maria Helena de Mendonça participa da ACISERJ, então... Acredito que é um pouco essa intenção de estar entrevistando o senhor. A gente sempre começa contextualizando isso que a gente está chamando de influências, professor, a gente gostaria de escutar um pouquinho, como é que para o senhor essa narrativa do ambiente familiar onde o senhor conviveu? A formação dos pais. Como é que foi o ambiente escolar? Quando o senhor chega na área de educação? Onde o senhor estudou? O senhor até fala do São José, mas acho que já em um momento mais da profissionalização, não. O senhor estudou no Colégio São José, não é isso? Se não me engano.

Gisálio Cerqueira Filho (GC): Estudei.

RMJ: Isso. Perfeito. E aí, se o senhor pudesse falar um pouquinho disso para a gente. Para a gente entender quem é o Gisálio, como é que foi esse primeiro momento da vida do Gisálio Cerqueira Filho. O senhor nasce em Vila Isabel, bairro tradicional da Zona Norte, da família de classe média intelectualizada que o senhor pertenceu.

GC: Isso.

RMJ: Família de professores. Dos primeiros estudos com irmãos maristas, ali no tradicional Colégio São José da Tijuca, onde o senhor permaneceu durante 10 anos.

GC: A Vila Isabel a que me refiro é a rua Senador Soares que é continuação da Rua dos Artistas, onde morou muito tempo esse rapaz que morreu há pouco ali em Vila Isabel, um sambista renomado.

RMJ: Aldir Blanc?

GC: Aldir Blanc.

RMJ: Perfeito.

GC: No tempo em que eu nasci, podemos dizer, nós nascemos, que ele também nasceu naquela região era completamente abandonada. Curiosamente, ela ficava próxima ao que é hoje o Maracanã, e ao que já era na época a Quinta da Boa Vista. Vou chamar a atenção de vocês, que com a proclamação da República, toda aquela região chamada imperial, ela perdeu valor, e todos os bairros ali no entorno entraram em procedimento de degradação, ocorreu com São Cristóvão, no que é hoje o Maracanã havia uma praça de touros, e na continuação de bairros periféricos não havia nada. Essa é uma das razões pelas quais o bairro preciso que eu nasci recebeu o nome Andaraí, porque se andava aí e não havia absolutamente nada, tá bem?

RMJ: Perfeito.

GC: Quando eu era garoto, esse bairro Andaraí, ele recebeu também, que era um pouco mais velho do que eu, mais garoto foi para lá, o Nelson Rodrigues.

RMJ: Perfeito.

GC: Escritor.

RMJ: Sim. Teatrólogo.

GC: Mais tarde crescendo um pouco veio para a Zona Sul, isso não ocorreu com a minha família, porque a minha família, era uma família... Como eu digo? De classe média. Média de verdade. E no bairro do Andaraí alugou uma casa onde moravam meus pais e

meus avós maternos. E meu pai e minha mãe foram constituindo família. Muito bem. Se você observar no roteiro, esse é um ponto marcante que eu acho que eu devo ressaltar com vocês, eu começo a dar aulas com apenas 16 anos de idade, então, não é? Muito jovem.

RMJ: 1962, não é, professor Gisálio?

GC: Isso.

RMJ: No Colégio Champagnat.

GC: Champagnat é como se chama.

RMJ: Ele ainda existe? Eu não lembro.

GC: Ele não existe lá no mesmo local. Ele existe na rua Conde Bonfim na Usina da Tijuca, onde existe um Colégio fantástico, grande demais dos maristas. E na época se chamava Internado São José .

RMJ: Sim.

GC: Lá só estudava gente muito rica. Para você ter uma ideia... Eu não sei a idade, mas era aluno do Colégio São José Internato, o futuro presidente da república Collor de Mello, ele causava uma inveja colossal porque ele ganhava a sua mesada do valor ao arroba do gado, era uma das mesadas mais elevadas entre os alunos, isso dava um prestígio fantástico, entendeu? Quando eu entrei para o Colégio Marista, eu era muito garoto, eu tinha apenas 10 anos, e eu vou como aluno até os 18, 17 para 18. Mas já com 16, eles “como quer”, me indicam para dar aulas no Colégio. Compreende? Então, uma circunstância muito interessante que eu acho, é óbvio que eu não tinha uma mesada do porte do Collor de Mello.

RMJ: Sim.

GC: Eu só fui ter mesada depois que eu tenho meu trabalho propriamente dito. Então, eu começo a trabalhar muito jovem, com menos de 16. Com 14 anos eu já estou atuando em um curso de inglês ali na rua Conde de Bonfim que não fica muito distante da esquina da Rua dos Araújo, tinha. Não tem mais. Mas o professor é vivo. O formidável professor se chamava Floriano Franco Filho. Era um professor do inglês que se falava nos EUA da

América do Norte. Eu fui trabalhar no curso dele como uma espécie de faz tudo. Eu gostava muito de futebol e de botão. Gostava muito de narrar os jogos de futebol. O professor de inglês percebendo que eu tinha uma voz muito boa, ele sugeriu que eu fosse aluno do curso dele e servisse como uma espécie de alter ego das repetições em inglês para os alunos.

RMJ: Olha. Que interessante.

GC: E ao mesmo tempo eu trabalhava na secretaria, atuava recebendo várias matrículas, organizando as matrículas. E ele na brincadeira, mas sério, falou assim me dando um pano de pó “e se precisar às vezes você tira alguma poeira dos móveis” [risos].

RMJ: [risos]

GC: Esse foi o meu primeiro trabalho. Eu fiquei muito satisfeito.

RMJ: Perfeito. O senhor falando assim, realmente se nota que o senhor tem uma voz empostada e grave.

GR: É verdade.

GC: É. Isso.

GR: [risos]

GC: Que é uma coisa importante na nossa profissão...

RMJ: Sim.

GC: Mas também tem seus problemas, depois digo o porque. Mas o primeiro problema a trabalhar nessa escola, foi muito circunscrito, mas particularmente importante. O meu pai colocou... meu pai era comerciante, trabalhava no Méier, tinha como médico pediatra dos seus filhos todos, e eu era o primeiro, o Doutor Ataíde Fonseca, preto que me levou a um grande respeito aos pretos.

RMJ: Sim.

GC: Entre o Doutor Ataíde era uma fábula na pediatria. Ele dirigiu mais de 20 anos o hospital Jesus.

RMJ: Perfeito.

GC: Lá no alto de Vila Isabel. E ele era negro, negro, negro de marré deci. Muito interessante isso, porque quando ele entrava na vila... Nós morávamos numa vila...

RMJ: Sim.

GC: ... para atender as crianças, os meus irmãos, eu. Eu me lembro disso muito bem, a vizinhança fechava as cortinas em protesto contra o negro médico que entrava de vestimenta branca e de maleta de médico...

RMJ: A gente está falando de que ano mais ou menos, Gisálio?

GC: 1949 eu tinha 3 anos e já observa isso... porque meu pai exigia “Que isso, não há nada. De janela fechada. Esses vizinhos...” e tudo mais. Quando eu tinha 9, 10 anos, um pouco maior, eu percebi que havia alguma coisa aí.

RMJ: Que chamava atenção.

GC: Que havia uma diferença, não é?

RMJ: Sim.

GC: Eu não sei porque, mas o fato é que meu professor de inglês, pelo o qual até hoje eu tenho admiração, era também negro, negro de marré deci. Então, eu quero sublinhar isso de imediato.

RMJ: Certo.

GC: Porque na minha família nós cultivamos precisamente nesse bordão que hoje está tão em voga, não é? Black Lives Matter.

RMJ: Matter. Perfeito.

GC: Nós não tínhamos preconceito. E lutamos contra o preconceito.

RMJ: Interessante. Naquele momento, eu imagino o difícil, não é. O racismo muito forte.

GC: Isso. Muito grande. E as empregadas que trabalhavam lá em casa tinham um tratamento profissional.

RMJ: Certo.

GC: Profissional. Nós nunca tivemos babá. E as empregadas que eventualmente ajudavam minha mãe, que trabalhará como professora primária na inauguração do Colégio Primário, só havia um Colégio Primário na época, Gama Filho em Piedade. Então, ela era professora primária formada no Lafaiete, uma visão positivista, antirracista, liberal.

RMJ: Perfeito.

GC: Naturalmente, não tinha mais do que isso, mas era uma visão que permitia a ela encaminhar os seus filhos, a família, e tal, em uma direção completamente iluminista, digamos assim.

RMJ: Quantos filhos vocês eram, Gisálio?

GC: Quatro.

RMJ: Quatro. Você falou dos seus irmãos... Irmãs? Irmãos?

GC: Três rapazes e uma moça.

RMJ: E você é o mais velho?

172

GC: Mais velho. E no Colégio Marista São José não poderia estudar se o meu pai fosse pagar. Mas eu pensava que ele pagava. Muito mais tarde, ele me contou que foi ao Colégio pedir uma bolsa e disse que ele não podia pagar, que não tinha porte porque tinha outros filhos, pensando no nascimento e tudo mais. Era comerciário no Méier, volto a repetir. E o colégio queria saber o porquê, e ele deu um pouco de ênfase no padrão do ensino, da excelência do ensino, tanto que o colégio deu a bolsa. E eu sem saber, fui sempre um aluno muito aplicado desde que entrei na quarta série primária, compreendeu?

RMJ: Perfeito. Colégio muito tradicional já naquele momento, não é?

GC: Muito tradicional.

RMJ: Devia rivalizar ali com o colégio militar.

GC: Perfeitamente. E curiosamente quando eu entrei, acabou de acabar o tiro de guerra que tinha ali. Porque ali havia uma disciplina muito férrea, quem fizesse o curso colegial era como no colégio militar, não precisava servir ao exército, nem à marinha. A farda

quando eu entrei, ela foi abolida. Era uma farda no estilo da marinha de guerra, e o Colégio Militar é no estilo da terrestre. Não falávamos assim na força aérea. Eu conto isso porque, embora eu não tenha apanhado este período, com 10 anos eu vi a rapaziada com 17, com 18, contando casos dessa época. Compreende?

RMJ: Sim.

GC: Quando havia ocasião da gente se encontrar. Então, o que eu quero dizer, já de saída, a minha família tomou uma posição muito firme em favor das vacinas, na época das vacinas. Passou para os nossos filhos. Nós nos orgulhávamos de termos os cartões de saúde lotados, todos eles arrumadinhos e tal. Meu pai tinha uma verdadeira mobilização com isso. Tudo isso marcou muito, de maneira que quando eu vou estudar inglês com o professor Floriano Franco, negro, como eu digo também.

RMJ: Sim.

GC: Ele quem me introduz uma primeira contradição poderosa, mas que eu julguei muito importante lidar com ela e vencê-la. No Colégio Marista, nós tínhamos aulas rigorosas e muita ênfase na religião católica, cujo o ensino era muito tradicional, a ponto de você católico não poder ficar olhando muito para um templo de outra religião, muito menos entrar no templo, muito menos fazer perguntas ou querer ler livros. Nada disso era possível. Claro, quando eu comecei a estudar inglês, eu já estava começando o ginásio, mas a proibição se mantinha. E o professor Floriano falou um belo dia que nós iríamos treinar o nosso inglês com americanos nascidos na América, que frequentavam a igreja de Jesus Cristo do sétimo dia, que ficava na rua Maxwell que não tem nada a ver com o catolicismo.

RMJ: Catolicismo. Eles são protestantes?

GC: Isso. E rigorosos. Eles, por exemplo, não aceitam a transfusão de sangue em nenhuma hipótese.

RMJ: Verdade.

GC: Em nenhuma hipótese. Bom, você pode imaginar o que um garoto de 14, 15 anos, por aí, diante dessa problemática. Vai enfrentar? O Colégio dizia “não”, e o Floriano dizia “vamos que vai ser interessante”.

GR: [risos]

RMJ: Foi o batismo de fogo do senhor no campo do conflito das ideias?

GC: Sem dúvida. Porque de um lado o colégio dizia que era pecado mortal.

GR: É verdade.

[risos]

RMJ: Sou de uma família católica também, muito rígida...

GC: E o professor...

RMJ: Essa noção da culpa é muito forte em cima da gente, não é?

GC: Isso. E o professor Floriano dizia ‘‘vamos lá na igreja de Jesus Cristo de sétimo dia adventista, vamos treinar o inglês’’

RMJ: Perfeito.

GC: E eu tive que tomar essa decisão. E tomei-a caindo para o lado iluminista, da liberdade.

174

RMJ: Perfeito.

GC: É uma coisa importante, compreende? Por exemplo, eu tenho orgulho... É um orgulho curioso esse, no científico... Um livro que eu me esmerei muito na leitura, na compreensão. Foi o livro chamado ‘‘De Marx a Mao Tse-tung’’

RMJ: Perfeito.

GC: Muito crítico. Não crítico ao marxismo, crítico aos problemas sociais.

RMJ: De quem era?

GC: Eu agora não me lembro do autor...

RMJ: A gente resgata.

GC: Mas pode ser... Em?

RMJ: A gente resgata pelo nome.

GC: É. Não é difícil não porque eu vou dizer mais uma informação e você vai ficar munido dessa informação.

RMJ: Perfeito.

GC: Eu anotava, tirava cópias e tudo mais, compreendeu? E já não havia as proibições canônicas, porque já estavam ocorrendo a convocação do conselho vaticano pelo papa João XXIII. E tudo isso estava renovante. Eu estudei muito o marxismo, ainda estudante do Colégio Marista, nesse livro “De Marx a Mao Tse-tung”. E anos depois, venho a descobrir que esse livro é de autoria de um sacerdote jesuíta.

RMJ: Olha.

GC: Eu não sabia [risos]. Compreendeu? Portanto, ele era crítico do materialismo histórico, do materialismo dialético. Mas de uma forma tal, que não passava por esse lado grotesco do simples e rasteiro condenar. Eu acho isso muito importante porque, justamente ao final do meu curso ginásial, eu vou me formar em 1963 no colegial.

RMJ: Sim.

GC: No final do meu curso ginásial, portanto, 1959. Nós já estávamos questionando tudo isso, que eram efeitos da convocação do concílio vaticano. Certo? Isso tem que ficar bem claro.

RMJ: Sim.

GC: E eu peguei mais tarde, um pouco à encíclica *Pacem in Terris*, paz na terra, e lá tinha um capítulo que dizia assim “o mundo de hoje vive três grandes sinais”. Eu com formação católica achei que era bom ler o capítulo da encíclica que dizia dos sinais dos tempos. O primeiro sinal dos tempos era a revolta dos trabalhadores que não aceitam sujeição ao capital. O segundo sinal dos tempos é dado pelas mulheres que não aceitam se submeter aos seus maridos, aos seus pais, aos seus namorados, aos seus irmãos mais velhos. Eu falei “caramba, olha só”.

[risos]

GC: E o terceiro ponto, eram as nações que não se acitavam mais no jogo do colonialismo. Como a Argélia que estava em plena revolução...toda a África. Eu tomei uma decisão naquela época. A decisão minha foi: é por aqui que eu vou.

RMJ: Perfeito.

GC: Por esse caminho que eu vou. Eu não poderia seguir esse caminho se eu não tivesse minimamente a formação iluminista anterior. Você compreende?

RMJ: Sim. Sim. Agora fica bem mais...

GC: Fica mais claro, não é?

RMJ: Perfeito.

GC: Então...

RMJ: Certamente... Desculpa professor.

GC: Não, à vontade. Vamos lá.

RMJ: Você citou o livro do professor Nelson Werneck Sodré, o idealismo do colonialismo foi uma grande influência, imagino que está relacionado também a esse contexto.

GC: Isso. Exatamente.

RMJ: O senhor falou... Deixa eu só tirar uma dúvida. Eu achei... Não sei se é ele, porque o nome do livro é outro talvez, é o "Pensamento de Marx" do jesuíta chamado Jean-Yves Calvez.

GC: Não. Esse...

RMJ: Seria esse ou não?

GC: Não. É de Marx Mao-Tse-Tung.

RMJ: Tá.

GC: Dá uma olhada aí.

RMJ: Vou dar uma olhada. Pode continuar, que com o tempo eu volto, e a gente tenta identificar.

GC: Bom, eu fui me encaminhando então, para um ano... Bom, mais então...

RMJ: Aí... Não... Pode continuar, é que eu imagino que o senhor vai fazer uma passagem aí para o ingresso nas Ciências Sociais em algum momento. E a gente... O senhor quer que...

GC: Exatamente.

RMJ: ...A gente ilumine um pouco? Porque no roteiro o senhor falou tudo isso. E do...

GC: Até...

RMJ: ... de como o senhor entra trabalhando de carteira assinada e um bom salário.

GC: Isso.

RMJ: No próprio Colégio São José, assumindo aula de história, geografia, ciências sociais...

GC: Isso aí...

RMJ: ou OSPB

GC: Isso daí tem que ser visto na seguinte dinâmica, uma coisa é ser aluno do Colégio São José, tá? Outra coisa é que no ano de 1962 eu ser convidado para dar aulas no Colégio Champagnat anexo ao São José Marista.

RMJ: Perfeito.

GC: Se faz essa diferença. Porque em 1962 eu ainda era aluno, não é. Por que me escolheram? Evidente que escolheram porque de alguma forma me conheciam, tinham alguma confiança em mim, se não, não teriam me escolhido.

RMJ: Perfeito.

GC: Em 1962. Mas, veja você, em 1961 eu era o presidente do grêmio escolar. Então, eu tinha frequentes encontros, e um deles memorável, foi no congresso no Largo do Pedregulho, no sindicato dos metalúrgicos, no congresso da Ames, em que eu

representava o Colégio São José, com o presidente do Grêmio do Pedro II, e com o presidente do Grêmio do Colégio Militar. Se você falar em colégios que estavam engajados na Ames, na luta política e estudantil desta época são estes, de maneira que eu...

RMJ: Pedro II, São José, e qual o terceiro? Eu perdi.

GC: Militar.

RMJ: Colégio Militar.

GC: Isso. Que a gente apelidava de cachorrinhos matriculados.

GR: [risos]

RMJ: Como era? Eu perdi essa também.

GC: Cachorrinhos matriculados.

[risos]

RMJ: Ah tá.

178

GC: Cachorrinhos matriculados.

RMJ: Uma provocação, não é, professor?

GC: É. É uma provocação. Era para dizer que eles se subordinavam muito.

RMJ: Entendi. A hierarquia... E os outros ali? O Ferreira Viana, Celso Suckow...

GC: Mais tarde eles entraram também na roda. Entendeu?

RMJ. Aham.

GC. Mas essa roda partiu, em grande medida, dos anos 1960 pela militância estudantil desses principais colégios que eu te falei. No meu caso, eu vivenciei isso muito. Então, eu comecei a viver, vamos dizer assim, as chamadas questões sociais, ou as questões políticas, no grêmio escolar. Nós criamos ali, por exemplo, um banco do livro, que fazia trocas de livros didáticos em todo o bairro, e depois expandiu-se para muitos bairros da zona norte, entendeu?

RMJ: Sim.

GC: Como eu estava te falando, e sendo católico nós nos engajávamos em cineclubes.

RMJ: Ah, Perfeito.

GC: O cineclubes foi um expediente de discussão política, e discussão social, etc. Entendeu? Um pouco mais velho do que eu era o Paulo Emílio Sales Gomes, que chegou a ser um grande cineasta de porte, não é? Então, por exemplo, eu me lembro muito bem de assistir “Noites de Cabéria” filme italiano clássico com uma discussão intensa, sobre prostituição, por exemplo.

RMJ: Perfeito.

GC: Bom, outra coisa que vai pesar no convite em 1962, é exatamente a minha voz. Além da confiança, é minha voz. Aí perguntaram se...

GC: Me perguntaram se eu queria começar já em 1962, como professor de religião. Eu disse que de religião eu não queria não, que preferia aguardar talvez um outro convite em 1963. Talvez não viesse. Mas religião eu não queria dar. Em 1963, eu não tinha ainda me informado, veio o convite para dar todas as disciplinas, matemática, português, história, geografia, religião. Eu era o único professor da turma. Era uma turma de 60 alunos.

RMJ: Isso no Colégio São José?

GC: Não. Champagnat.

RMJ: No Champagnat. Ok.

GC: Quarta série primária. Lá tinha jardim, pré-alfabetização, alfabetização, primeira, segunda, terceira e quarta série. A quarta série ficou sob a minha responsabilidade. A quarta série A, em 1962. E a quarta série B, ficou sob a responsabilidade de um colega meu chamado Divaldo Moura Neto, ex professor, um grande professor, um grande cientista da biofísica da UFRJ, que hoje trabalha como brilhante pesquisador do hospital do cérebro. Ele na B, e eu na A, como professores muito jovens. Muito jovens. Mas a vida seguiu. Quando nos formamos no colegial do São José, deixamos de ser aluno do São José, e continuamos lecionando no curso Champagnat.

GC: Mas em 1965, já tendo ocorrido o golpe...

RMJ: Verdade.

GC: Nós somos convidados a passar a dar aula no São José também. Não é no São José no lugar do Champagnat, é no São José, além do Champagnat.

RMJ: Perfeito.

GC: Passamos a ganhar muito mais. Trabalhar muito mais também. Mas quem não quer?

RMJ: Claro.

GC: Tinha gás, tinha voz.

RMJ: Jovem, não é?

GC: Jovem. E o salário podia crescer. Não tinha essa brincadeira do Chico Anísio...

RMJ: Seu Gisálio, se o senhor me permite... O senhor disse que já deu aulas de história, geografia, OSPB, e ciências sociais. Existia a sociologia? O ensino de sociologia no Colégio São José ou no Champagnat?

GC: Por enquanto não. Depois de 1962, 1963

180

RMJ: Sim.

GC: 1964 golpe. Não existia.

RMJ: Alguns colégios tinham, não é. Não era obrigatório, mas alguns colégios, por exemplo, que a gente colheu depoimento aqui do Ferreira Viana que oferecia naquele momento sociologia. Pré golpe, não é?

GC: Em 1963 que é o ano anterior ao golpe. Mas 1964, melhor ainda, o golpe já tinha ocorrido, eu tive uma ideia, eu pensei que fosse minha, mas acho que não é, que eu daria todo o conjunto de disciplinas em volta de uma única temática, eu ia dar matemática, eu ia dar português, eu ia dar história, eu ia dar geografia, eu ia dar religião. Mas tudo em torno de uma única temática. Mais tarde eu descobri que isso era o método Paulo Freire posto em ação para além da alfabetização, porque eu não estava alfabetizando ninguém. Quarta série, não é? Então, eu tomei como tema as olimpíadas de Tokyo. Você visita a embaixada do Japão do outro lado depois. Nós vinculávamos as olimpíadas as pequenas disputas de esportes, vinculávamos a história do Japão. A história da emigração dos

japoneses. Foi um sucesso. Evidentemente que isso daí exigia dos alunos uma grande participação e um grande desejo de conhecimento, mas eles tinham. E aí, as Ciências Sociais caem de boca, não é?

RMJ: Sim.

GC: Porque você tem a história, você tem a geografia, e mais do que isso, você pode experimentar a comida japonesa. Ninguém comia japonês na Brasil naquela época, mas os meus alunos comeram. Fizeram um teste. Fazíamos experiências das mais variadas, das mais diferentes, de maneira que eles iam para a casa empolgadíssimos e contavam para os pais.

GC: E nas reuniões de pais, alguns me davam os parabéns e alguns diziam que eu era meio maluco.

RMJ: [risos]. O senhor cita brevemente no texto...

GC: É.

RMJ. ... que o senhor escreveu. Deixa eu aproveitar esse gancho Gisálio, aí o senhor falou muito 1963,1964, e exatamente que faz esse relato em 1963 você passa para o vestibular. Porque a gente tem um pedaço do roteiro...

GC: Isso.

RMJ: que é sobre esse ingresso nas ciências sociais...

GC: Isso.

RMJ. ... o porque, as premissas...

GC: Isso.

RMJ: Aí você diz para a gente aqui nesse texto que em 1963 você entra para a turma da noite. Mas os cursos noturnos foram cancelados pelo golpe, não é?

GC: Perfeitamente.

RMJ: O que te fez, provavelmente, ficar trabalhando ainda como professor na manhã e tarde. E você só vai conseguir essa entrada na Universidade do Brasil, onde hoje é a UFRJ, lá em 1966. Aí se você pudesse falar um pouquinho dessa chegada na ciências sociais,

como é que é esse início? Impressões? Você acha que esse momento seria bom para você...

GC: Isso. Elas não caem de paraquedas, elas vão cair devagarinho, assimiladamente . Eu faço referência a um livro que eu li por conta própria, ninguém me indicou, do Nelson Werneck de Sodré “A ideologia do colonialismo”.

RMJ: Perfeito.

GC: No terceiro ano de ginásio, colegial, digo. Eu vou estudar em 1964, porque o golpe fechou tudo. Mas eu já tinha feito a matrícula, e com o ex-presidente do grêmio escolar do São José já tinha falado no auditório da faculdade nacional de filosofia em fevereiro. Entendeu?

RMJ: Ali na Ant nio Carlos ainda?

GC: Isso. Isso. Mas a turma fechada, pronto, não pude fazer nada, me dediquei ao Colégio Marista. Aí sou chamado para ir para o São José, e combina com os nossos alunos... Aí eu fico fora da universidade em 1964, 1965, 1996 vou para a porta da universidade saber o que está se passando. Aí o cara mais velho, baixinho, negro também, engraçado isso, de terno, gravata, muito popular, diz assim ‘o que tu está fazendo aqui garoto? Por que tu não está assistindo aula?’’, eu falei ‘p , eu não estou matriculado rapaz’’, ele falou ‘como assim?’’, ‘cancelaram a matrícula da turma da noite’’, aí ele falou ‘você não fez o vestibular antes do golpe?’’, eu falei ‘fiz’’, ‘e tem a matrícula na tua casa?’’, falei ‘tenho’’, ‘p , entra na justiça rapaz, você vai ganhar’.

RMJ: Ganha.

GC: Eu falei ‘será que   verdade?’’

GR: [risos]

GC: Entrei. Ganhei uma liminar. Esperei 3 anos e meio pela liminar. Mas fui estudando. Podia assistir às aulas. Eu não ganhava a matrícula, mas ganhava presença sub judice.

RMJ: Olha.

GC: Então, assim que eu fiz o curso. Entendeu?

RMJ: Teve que batalhar por ele, não é, Gisálio?

GC: Muito. Nossa mãe santíssima. A pessoa que mais ficou irritada comigo, foi a minha namorada, porque todo dia quando eu encontrava com ela, eu perguntava “será que eu vou ganhar esse mandado de segurança?”

[risos]

GC: Como é que eu podia saber, pô.

RMJ: Imagino. [risos]

RMJ: Mas me parece que, pelo o que me falou aqui, foi bem prazeroso esse curso, não é? Apesar de todo esse imbróglio, porque você cita aqui. A Ana Maria Castro.

GC: Muito prazeroso porque eu tive alguns bons professores, não é. Vocês viram lá, a Ana Maria Castro, Miriam Limoeiro, o professor de inglês Roger Walker.

RMJ: Professor Evaristo de Moraes .

GC: Evaristo de Moraes que ficou meu amigo. Mas o melhor mesmo foi um aluno que eu conheci, chamado Ari Caldeira Saião Bastos Filho.

RMJ: Perfeito. Você cita ele aqui.

GC: 38 anos, era tenente coronel, tinha 13 mil horas de voo, recorde em avião militar no Brasil.

RMJ: Perfeito.

GC: Que foi cassado por isso. Tiveram inveja dele. Tiveram inveja e disseram que ele era comunista.

RMJ: O senhor fez um curso/seminário de Marx Weber e Karl Marx com ele, os dois somente. Como é que foi isso?

GC: Dois alunos e ele. Porque não tinha o que fazer. Você vê que o cara que era piloto da Faber, ele foi não só caçado, como tiraram dele o brevê de piloto.

RMJ: Olha.

GC: Pô, impressionante.

RMJ: É, o senhor cita essa passagem.

GC: Ele se tornou um grande amigo meu, e se tornou também uma espécie de exemplo de sobriedade e de firmeza política, porque ele não tinha propriamente ideologia política no sentido estrito, mas era muito apegado a FAB (Força Aérea Brasileira), e foi um companheiro dele, que um belo dia diante da ordem recebida lá do brigadeiro do PARASAR de cometer desvios na função, bateu continência e disse que ele não fazia o que ele mandava porque ele não estava ali para tirar vidas, mas para salvar vidas.

RMJ: Perfeito. Ele foi cassado pelo golpe, o Ari Caldeira?

GC: Foi.

RMJ: E se tornou tenente coronel depois, na Anistia?

GC: Não. No golpe de 1964 era tenente coronel, sendo que ele era filial de gabinete, um ministro da aeronáutica que foi o pai do reitor da UFRJ, no primeiro momento ganhou as eleições, mas não foi indicado pelo PSDB por essa razão. Triste justificativa, não é? O contrário do que o Ari Caldeira pregava. Eu aprendi muito com esse cara. Bom, terminei o curso de...

184

RMJ: O senhor... Perfeito. O senhor cita também o encontro com o professor Dilson Mota, que eu tive o prazer de ter aulas na UERJ.

GC: Bom, o Dilson Mota é um capítulo à parte, porque o Dilson Mota foi o teu professor, não foi?

RMJ: Foi. Foi meu professor, e tenho ele, como falei, em grande estima.

GC: O Dilson Mota é meu colega, é meu amigo desde os 14 anos de idade.

GR: Que isso.

RMJ: Perfeito.

GC: Ele foi do Colégio São José junto comigo.

RMJ: Ah sim.

GC: Entendeu?

RMJ: Perfeito.

GC: Ele participou das discussões estudantis. Ele tornou-se meu amigo. Ele fez o IFCS. Eu já tinha me afastado, porque eu não cheguei a conhecer o IFCS. A amizade permaneceu. Você sabe que ele faleceu, não é?

RMJ: Sim, sei. Há um tempinho, não é? Acho que 3 ou 4 anos, é isso?

GC: É. Não tem mais do que isso. Eu fiquei muito triste.

RMJ: Eu assisti grandes cursos de metodologia e para além de tudo, uma grande pessoa...

GC: Pois é.

RMJ: ...houve uma influência muito grande sobre nós. Eu me formei na década de 90 na UERJ, 1993 eu entro. Tive muito contato, assisti muitos cursos do professor Dilson Mota, seminários.

GC: Ele era fantástico e completamente fora de esquadro, não é? Juízo aberto e tal. Bom, mas a partir daí eu já estou inscrito, inserido nesse cenário. Entendeu? E não só inserido nas ciências sociais a partir da entrada na faculdade. Quando eu saí da faculdade é óbvio que eu estou inteiro nas ciências sociais, mas ainda devo te dizer e a ela também, que no dia da minha formatura eu tive uma experiência fantástica.

RMJ: Ah é?

GC: Essa experiência eu traduzi em algo que eu nunca imaginei que pudesse acontecer. A formatura foi na Universidade do Brasil, lá na Urca. Rapaz, eu não convidei ninguém, porque a situação era fúnebre, tinha um que tinha sido assassinado da turma. Não chamei namorada, não chamei mãe, nem pai, nem nada. Quando chegamos lá, para você entrar na sala, nós tivemos que passar por um corredor polonês, ninguém ia bater na gente. Mas esse corredor polonês era formado por soldados da polícia do exército.

RMJ: Ah é?

GC: É. Tudo com baioneta na mão e nós passando ali pelo meio. Eu fiquei com medo.

RMJ: Sim.

GC: Embora eu não esperasse que eles iam lançar a baioneta, claro. Mas era um sufoco. Eu me senti mal. Ao mesmo tempo eu pensei assim ‘será que eu estou diante de uma instituição repressiva ou uma instituição ideológica? Eu estou em uma instituição de saber? de ciência? de tecnologia? Uma Universidade? Que também é uma instituição ideológica. Ou estou em uma instituição repressiva? Porque com aqueles do exército ali, com a polícia do exército... Eu pensei tudo isso percorrendo, porque tinha que ser, não podia correr ali. não é? Tinha que andar devagarinho, conforme falava no microfone. Eu pensava assim “eu gostaria de indagar o outro ser se ele chamaria isso de aparelho ideológico de estado ou aparelho repressivo de estado”. Ele falava que a universidade era aparelho ideológico de estado. Eu estava vivendo ali uma repressão tão violenta. Bom, mais tarde eu acabei tendo mais coragem e mandei uma carta para o Althusser. Mas aí eu já estava fazendo...

RMJ: Ah é?

GC: É.

RMJ: Aí eu fiz a crítica aos dois conceitos de ideologia. De aparelho ideológico do estado e aparelho ideológico repressivo, porque eu dizia que ele separava uma coisa da outra, e que eu sugeria a ele a trabalhar com conceitos só de aparelho de estado, que ora podia ser por efeitos repressivos (aparelho repressivo de estado), ora podia ser o mesmo aparelho (aparelho ideológico), se os efeitos ideológicos fosse acima dos repressivos. Pegou meu raciocínio?

RMJ: Claro. Perfeito.

GC: Queria dizer...

RMJ: E ele respondeu o senhor?

GC: Rapaz, eu primeiro pensei que não. Demorou 6 meses.

GR: Que isso. 6 meses...

GC: Mas respondeu. E eu era abusado, porque eu ainda disse na carta que o que me levava a fazer essa crítica era o pensamento de Foucault. Porque o Foucault gostava muito de trabalhar com a ideia de efeitos. E eu dizia que o conceito de aparelho ideológico de

estado ou aparelho repressivo de estado era estanque, e eu queria conceitos mais dinâmicos, mais flexíveis. Seis meses depois ele mandou a carta, é bem verdade que ele cumpriu o protocolo, devia mandar a carta para o aluno, mandou para o orientador o Albuquerque

[risos]

RMJ: Quem era o orientador na época?

GC: José Augusto Guilhon Albuquerque, lá na USP.

RMJ: Ah sim. Você estava na USP.

GC: Ele recebeu e falou “poxa, um presente para você, olha aqui”, e ele diz o seguinte “e você tem toda a razão, ele vai passar a pensar nisso, ele não é sociólogo, ele é filósofo, por isso ele comete esses erros”. Foi humilde, modesto.

RMJ: Ótimo.

GC: O José Augusto...

RMJ: Fui formado por vários Althusserianos na UERJ também.

GC: Pois é.

RMJ: Professora Cristina Dias.

GC: Exatamente.

RMJ: [risos]

GC: Mas essa crítica eu fiquei feliz com a resposta. E o José Augusto de Albuquerque, que era também jornalista e tinha muitos contatos em São Paulo, ele fez uma coisa maravilhosa, ele fez na carta do Althusser, que eu não tenho infelizmente aqui a cópia...

RMJ: Seria ótimo.

GC: Mas tem aqui no folhetim da Folha de São Paulo.

RMJ: Olha.

GC: A folha de São Paulo tinha um caderno, o folhetim que era incluso. E ele chegou, o José Augusto de Albuquerque, a publicar. É correr atrás e procurar. Eu conto esse episódio porque mais uma vez foi um momento muito singular de um mito da sociologia, da filosofia, no mesmo dia.

RMJ: Verdade.

GC: Adotava uma posição modesta. Uma posição humilde. Aceitar uma crítica. Eu fiquei bobo. Também foi uma lição.

RMJ: O senhor... O doutorado, o senhor está ali no final dos anos 70, início dos anos 80? Quando é? O senhor passou para o IUPERJ.

GC: Em plena ditadura já tendo feito o IUPERJ e tendo publicado uma tese sobre Ideias Socialistas no Brasil, antes do partido comunista brasileiro. Portanto, a ênfase no anarquismo, no Anarco Trotskismo, os congressos de operários, deu em um livrinho que foi editado pela editora Loyola dos jesuítas, e então tinha como provincial geral o sujeito da teologia da libertação. Muito engajado na diretriz do concílio vaticano.

RMJ: Frei Betto?

GC: Não. Era padre. Pedro Arrupe.

RMJ: Pedro Carrupe?

GC: Pedro Arrupe.

GR: Arrupe.

GC: Ele é tão ousado, que naturalmente, sendo provincial dos jesuítas, ele disse que um padre jesuíta não pode aderir ao marxismo. Mas ele determinou que todos os padres jesuítas tinham a obrigação de conhecer o método marxista. Isso foi uma revolução da ordem. Compreende?

RMJ: Pedro Arrupe.

GC: Pedro Arrupe. Esse cara foi... Ele foi para o Japão trabalhar com o missionário jovem, era médico também, no dia que a bomba foi jogada em Hiroshima.

GR: Meu Deus.

GC: Então é uma história muito interessante. E que também me marcou muito porque nas ciências sociais, justamente, eu sou chamado, eu era professor de ciências sociais, de sociologia propriamente dito no curso de ciências sociais da Universidade Federal Fluminense. Eu não conhecia Niterói. Mas quando eu me separei da minha primeira mulher, ela foi morar ali perto do morro do Borel na Tijuca, na rua São Miguel.

RMJ: Sim.

GC: Em um apartamento que ela alugou de um colega nosso, que era um pouquinho mais novo do que eu, que era o Chico Alencar. E o Chico Alencar falou “pô Gisálio, está tendo concurso para Niterói, faz para Niterói”, aí eu ‘pô, tu acha Niterói legal? Aquilo é longe para burro, eu não tenho carro’

[risos]

GC: Conheço a zona sul. Vou para Niterói. Ele disse “que isso, pega a barca, vai de barca, volta de barca”.

[risos]

GC: Eu fui fazer concurso. Passei. Fui aprovado.

RMJ: Em que ano isso, Gisálio?

GC: Isso daí foi 1973, por aí.

RMJ: É a primeira ida para universidade profissionalmente falando ou...?

GC: Não.

RMJ: Já tinha, não é...

GC: Porque eu começo em 1970. Mas é a primeira ida para a universidade pública federal.

RMJ: Perfeito. Pode continuar.

GC: Aí eu entrei na universidade pública como um trovão, entendeu? Eu fui aprovado para ser... Não valia nada, professor substituto. Era concurso, mas não era professor da casa.

RMJ: Não era efetivo, não é?

GC: É. Tinha um contrato arrumadinho. Mas a essa altura do campeonato, eu já dava aula nas universidades particulares.

RMJ: Quais?

GC: Gama Filho, eu dei aula para a Estácio de Sá, fui fundador da faculdade de direito. Entendeu? Eu dei aula em cursos pré-vestibular, como o próprio Chico Alencar, lá na Tijuca. Ele é conhecido lá na Tijuca, muito conhecido. Ele é reconhecido no curso Psique. Então, já tinha mais um background anterior. Já tinha uma experiência bastante razoável. Aí muito bem, vou para a universidade, é um sucesso, pode ver porque eu fui aprovado em primeiro lugar, a presidente era a Ana Maria Castro, foi muito disputada. O segundo colocado, era um ex-aluno de uma família muito importante de Niterói, chamava-se Velasco e Cruz que hoje é um grande professor na Unicamp. Bom, no final de um ano, meu contrato valia dois anos, no final de um ano eu sou chamado pela reitoria e dizem que eu deveria procurar o diretor do centro de estudos gerais, que eu tinha uma grande notícia para receber. Disseram o seguinte: o senhor é professor em vários lugares aqui do Rio de Janeiro, baixada aqui no grande rio, e nós estamos oferecendo agora para o senhor participar do PICD que a editora acabara de lançar, é um plano de capacitação docente. Só pode fazer o doutorado onde o senhor quiser, desde que seja aprovado, com bolsa o senhor vai passar da sua situação precária, a uma situação mais forte na universidade, dedicação exclusiva. Meu salário ia multiplicar por quatro cara. E ele falou assim “agora só tem um porém, o senhor vai ter que sair dos lugares que o senhor trabalha”.

GC: Aí eu olhei para a cara dele...

RMJ: Outro dilema.

GC: Aí eu olhei para a minha carteira, cara. A carteira assinada desde 1965, estava Gama Filho, Estácio de Sá, PUC do Rio de Janeiro e Candido Mendes em todas elas eu dava algumas aulas, me chamavam, me contratavam como professor de carreira. Mas professor de carreira não é porque fazia sua carreira profissional, é carreira porque corria feito louco para lá e para cá para dar aula, pô.

[risos]

RMJ: Sei como é, Gisálio.

GC: É só por isso.

GC: Pois é. Essas histórias todas aí, a gente... não é?

RMJ: É. Está ótimo. É importante para a gente traçar.

GC: Aí eu levei tudo. Levei tudo para eles. Saí de todos esses lugares, licença e tal coisa. Passam vinte dias, depois do carnaval, o cara disse “vai começar tudo e tal”. Eu vou lá “professor me desculpe, mas houve um pequeno problema”, eu digo “qual foi o problema?”, “o pequeno problema é que não vai dar para o senhor ganhar bolsa”, eu falei “pô cara”. Meu salário ia multiplicar por quatro vezes, sem a bolsa ia ficar pela metade. Eu voltei para casa, eu te confesso, aborrecido. Eu já estava com a segunda mulher morando no Alto da Boa Vista. Viajava do Alto da Boa Vista, porque é uma viagem...

RMJ: Sim.

GC: Até a praça XV. Da praça XV, de barca. Bom, depois tem um episódio muito interessante aí. Vim de barca pensando triste, como é que eu vou fazer? Eu estou tão bem, agora ganhar metade. Não teve jeito. Voltei para casa, contei para a minha mulher. Fiquei triste. Passou-se uma semana, fui chamado novamente. E o diretor tem o desprazer de me dizer “professor, eu acho que o senhor não tinha entendido, o senhor não perdeu sua bolsa, o senhor foi demitido da UFF”, eu falei “o que? eu fui demitido?”, “foi sim, senhor”, “mas não pode, tem que abrir um processo”, “professor, o senhor esqueceu que está na ditadura?”. Aí eu voltei para casa chorando. Não tinha nenhum emprego.

RMJ: O senhor tinha saído dos outros.

GC: Meu Deus, todos, para ganhar essa bolada de quatro vezes o salário.

GR: Gente...

GC: Aí eu chorei mesmo.

RMJ: Imagino.

GC: O pessoal olhava “o senhor quer alguma coisa?” “não... Chego em casa, converso com a minha mulher, arrasada. Mulher professora do estado de história. Ela diz para mim,

eu não esperava... Ela diz para mim “eu vou trabalhar quatro vezes mais e vou repor o dinheiro que você não vai ganhar”.

RMJ: Olha.

GC: Eu falei “mas você não vai resolver, eu estou triste”.

GR: Ai meu Deus.

GC: “Mas você vai ficar alegre, nós vamos lutar e você vai...”. E aí nós fomos. Todos os lugares que eu saí, ela foi lá pedir para trabalhar e conseguiu, acredita? Um dia ela falou para mim “olha, uma hora você vai ter que dar o retorno”.

RMJ: [risos]

GC: Eu falei “que história é essa?”, ela disse ‘pô, a hora é que quando eu tiver com os primeiros bebês, você vai ter que me ajudar de alguma maneira para valer.

RMJ: [risos]

GC: Aí eu me lembrei daquele negócio da encíclica das mulheres.

RMJ: Sim.

GC: Cara, eu fui um pai/mãe.

GR: Caraca.

RMJ: Quantos filhos o senhor teve, professor Gisálio?

GC: Eu tive três filhos, já todos crescidos. Só tive homem. Mas com a atual mulher, dois filhos. E olha, foi uma experiência imbatível. A minha mulher saía para trabalhar...

RMJ: O primeiro filho?

GC: Não, o primeiro filho já estava 8 anos.

RMJ: Já tinha.

GC: O compromisso, o qual estou me referindo, da criação dos filhos, foi sobretudo com eles por causa disso que eu vou contar. Ela tirava o leite, botava em um potinho, eu dava leite na boca com colherzinha, porque o médico pediatra disse que se eu desse na

mamadeira ele ia perder o peito. E ela quando chegava em casa dava o peito. Entendeu? Aí a minha luta foi explicar aos vizinhos porque eu trabalhava dentro de casa, porque eu ficava com a criança e a minha mulher... Meu deus do céu. Eu morava no alto da boa vista.

[risos]

RMJ: Isso a gente está falando da segunda metade dos anos 70, 1970, início dos 80?

GC: Isso. A segunda metade para o final. Exatamente isso. E aí, eu percebo e chego a essa conclusão através de uma série de indícios, e vou à universidade checar e tudo mais. Havia sido feito uma cilada para mim. Eu fui demitido pela ditadura. Uma cilada.

RMJ: Sim.

GC: Tinha muita alternativa, mas eu tentei me mexer, fui ao DOPS pedir certificado de bons antecedentes ideológicos. Não ganhei. Aí pude observar entre outras coisas, mas aí eu dou um salto para você entender como é que eu fiquei sabendo. Quando abriram a transição para a democracia.

RMJ: Sim.

GC: Estava anotado que eu não podia voltar para a Universidade Federal Fluminense. E uma das vezes que fui lá, em uma conversa que não teve nada demais, mas foi terrível, o inspetor perguntou “o senhor mora aonde?”, eu falei “Alto da Boa Vista”, “o senhor da aula aonde?”, “Niterói”, “o senhor vai quantas vezes?” “tantas vezes”, eu dava quase 30 horas de aula, “olha, o que consta é que o senhor não falta uma aula, os alunos gostam muito do senhor, o senhor da sociologia, e francamente, o senhor deve ter segundas intenções, porque o senhor não pode fazer uma viagem tão longa, voltar e tudo mais, a não ser com outras intenções”.

RMJ: [risos]

GC: Eu falei “inspetor, o senhor se importa de me dar por escrito essa observação que o senhor faz acerca do meu trabalho em Niterói” [risos]. Aí ele se aborreceu, bateu na mesa, disse no que eu estava pensando. Mas era essa concepção que vigorou naquele momento,

não é? Então, eu tive que, vamos dizer assim, amargar esse momento. Quando eu defendi a minha tese...

RMJ: De doutorado?

GC: Doutorado. Em 1980. Já estava bem calejado. Já estava mais entrosado até mesmo com o sofrimento, não é. Mas morava satisfeito lá no Alto da Boa Vista em uma casinha muito pobre, muito simples, mas muito gostosa porque era dentro da floresta. Várias vezes o Dilson Mota foi lá e nós fazemos caminhada pela Floresta da Tijuca, ele gostava também, gostava de comer umas broas de milho de um bar específico ali. Muito agradável. Bom, no dia da defesa, veja você como é a vida, eu deixei o orientador escolher a banca que ele quisesse.

RMJ: Perfeito.

GC: Não me meti. E como eu trabalhava com o conceito de ideologia, e como eu trabalhava com a relação que não é trivial entre as ciências sociais e a psicanálise, ele contratou dois psicanalistas, sendo que um era suíço e o outro era de São Paulo, uma mulher. Melanie (não foi possível entender o sobrenome), mulher, e o Richard Bucher o suíço, e o próprio orientador José Augusto de Albuquerque, convidou um especialista em classe operária, o Leôncio Martins Rodrigues.

RMJ: Perfeito.

GC: E convidou, porque estava chegando do auto exílio, o Fernando Henrique Cardoso.

RMJ: Ah, perfeito.

GC: Claro, fiquei muito tenso. O primeiro filho da minha mulher estava nascendo nesse momento, nessas horas. Ela não pode ir. Mas eu fiquei muito satisfeito porque na arguição do Fernando Henrique, ele havia começado dizendo que eu trabalhava com vários autores marxistas, como Marx, Antonio Gramsci, trabalhava com Althusser, mas trabalhava também com Foucault que criticava o Althusser. Trabalha também com autores como Frantz Fanon que foi uma indicação do Dilson Mota e que apreciava demais o Frantz Fanon.

RMJ: Olha. Perfeito.

GC: Mas eu já estava com medo já, porque eu falei “ele vai dizer que eu estou fazendo uma salada”. Mas ele disse assim, olha só, “mas professor, o senhor não faz uma salada” e brincando falou “não faz uma salada russa”.

RMJ: [risos]

GC: “Só não vai ficar muito orgulhoso”, ele disse. Pior que eu fiquei. “Se o senhor não ficar muito orgulhoso, eu dizia para o senhor que esse trabalho não é althusseriano, não é lacaniano, não é marxista, não é gramsciano. É gisálio”.

RMJ: Olha.

GC: Eu quase desmaiei. Palavra de homem. Porque o maior orgulho para um cientista social é ter reconhecida a sua criatividade.

RMJ: O trabalho autoral.

GC: O trabalho autoral, não é? Eu me senti e depois ele me blindou. Eu faria isso se fosse ele, mas eu não esperava que ele fizesse. Ele foi para um botequim ali na esquina do campus, bebeu dois choppes comigo, deu um abraço junto com o orientador.

195

RMJ: Olha. Professor Cardoso?

GC: É. Eu fiquei muito feliz.

RMJ: A questão social no Brasil crítica do discurso político, não é?

GC: Isso.

RMJ: Foi publicado pela civilização brasileira?

GC: Foi publicado pela civilização brasileira sem nenhuma interferência de amigo, A, B, C, D. Eu mandei para o Ênio da Silveira, que eu não conhecia, e disse “tu queres publicar um bom livro? publica esse aqui”, ele mandou com quatro dias depois de tendo lido o livro. Vai ser publicado imediatamente. Não foi não. Levou dois anos.

[risos]

RMJ: Foi em 1982?

GC: Foi assim. Aí quando abriu um novo concurso em 1976.

RMJ: Para a UFF?

GC: Para a UFF. Aí era professor definitivo. Quarenta horas, não era dedicação exclusiva. Eu me inscrevi. Quando eles montaram a banca eu não aceitei, eu disse que a banca, toda ela, tinha que ser de fora para não haver molecagem. Botaram o Raymundo Faoro, que era presidente da OAB, de esquerda, de certo modo, um cara burocrático. Mas botaram o Themístocles Cavalcante, que foi o ministro do supremo e foi o cara que caçou o Partido Comunista Brasileiro.

RMJ: Perfeito.

GC: E uma mulher chamada Ana Maria Brasileiro, que veio de Londres para essa banca. Eu fui fazer o concurso. Eu estava muito nervoso, mas o concurso saiu bem. O Themístocles no estertor fez uma pequena brincadeira, começou a prova oral assim “O senhor sabe que eu cacei o Partido Comunista Brasileiro?”, “pô, eu te confesso que eu nem sabia”. Eu ia responder atravessado, mal humorado, aborrecido, mas eu fiquei calado e falei assim “Sei sim senhor”, calei-me. Ele falou “então vamos ao ponto sorteado”. E o sorteio caiu Victor Nunes Leal, Coronelismo, Enxada e Voto.

196

RMJ: [risos]. Ah, ótimo.

GC: Fui aprovado. Aí o DOPS não dava um certificado, não dava um atestado.

RMJ: Ah, porque tinha aquelas anotações.

GC: Aí eu anotei cara, três anos, eu regularmente solicitar, botei advogado. Não adiantou. Até que o Geisel assinou um decreto acabando com o atestado ideológico. Dizem que foi sugestão direta do Raymundo Faoro, que também sugeriu que ele restaurasse o habeas corpus.

RMJ: Na verdade estava suspenso.

GC: Eu sempre fui professor de universidade pública que retornou do concurso público, sem mostrar o atestado ideológico, caiu. E eu voltei à universidade. Mas não acabou a história porque eu não ganhava dedicação exclusiva. Porque a dedicação exclusiva é a cereja do bolo.

RMJ. Verdade.

GC: Quantas vezes eu conversava isso com o Dilson. Aí eu me lembrei da minha vó. Parece brincadeira, mas não é não, é verdade. Minha vó dizia assim “meu filho, se você alguma vez na vida tiver um problema, você senta na mesa da sua casa e escreve uma carta bem bonita ao presidente da república.

RMJ. Olha.

GC: Para o presidente da república, veja você [risos]. Eu fiz isso. Eu me sentei na mesa da minha sala e escrevi uma carta ao presidente Figueiredo, e disse “eu sou doutor, estudei aqui, estudei ali, publiquei isso, publiquei aquilo, fui aprovado em concurso, acabo de encontrar, e não tem dedicação exclusiva, nenhum colega meu é doutor, eu acho que o senhor teria condições, sobretudo porque a sua excelência, o seu irmão é o ministro da educação, e resolver esse problema, essa análise, essa injustiça”. Eu não acreditava em nada, mas eu segui a minha vó [risos]. Passado uns dois, três meses o reitor me chamou e disse “eu recebi uma carta do palácio do planalto para o senhor ver”, e me deu a carta, e era o Figueiredo dizendo pra eu ter dedicação exclusiva. Aí o reitor fala assim “e o senhor aceita?”. Está brincando comigo, não é?

[risos]

GC: Eu falei “mais é claro professor Raimundo”. Era o Raimundo Romeu. Ele ficou muito feliz. Muito feliz. O secretário de gabinete dele era um sociólogo Pedro Demo.

RMJ: Pedro Demo.

GC: Eu não sei mais nada do que isso. Eu sei que houve aí... Entendeu? Alguém viu ali uma injustiça, entendeu?

RMJ: Gisálio, você falou dessa fantástica história sua, não é. Eu já tinha lido um pouquinho aqui, mas o seu relato sempre... Ficou realmente sensacional escutar. A gente queria tentar saber um pouco, porque é um dos interesses da pesquisa, além dessa dimensão dentro da universidade, mais acadêmica da sua trajetória que é sensacional. Como é que é essa discussão? Como é que o Gisálio se aproxima, digamos assim, da formação da ACISERJ, de toda essa discussão, em 1980 vai ser regulamentada a profissão de sociólogo, e você cita um pouquinho que participou disso não é, com outros colegas,

imagino com a Dulce Pandolfi com outras pessoas que estavam envolvidas aí nessa história, se você pudesse falar um pouquinho desse momento na sua vida, seria ótimo.

GC: Em meados de 1970, olha só, eu vivi em uma grande disputa quando já com o título que eu estou, eu retornei a PUC e pedi para voltar, eu tinha aquela dedicação exclusiva. Aí, a Miriam Limoeiro era a chefe do departamento e tinha sido demitida.

RMJ: Na PUC?

GC: Isso. Foi uma verdadeira catástrofe na PUC.

RMJ: Imagino.

GC: Eu já estava chegando de volta, mas eu não conhecia a PUC. Não conhecia nada. Nem conhecia a Zona Sul. Aliás já diziam e chamavam assim “Gisálio mora além do túnel”, dizendo que eu moro na Zona Norte. Um preconceito muito violento.

RMJ: Sim.

GC: Mas eu não só retornei à PUC, quanto eu comecei a falar em nome da ADPUC, a Associação de Docentes. Porque a associação de docentes ela antecedeu um pouquinho a luta política pela profissionalização do sociólogo.

RMJ: Sim.

GC: E a primeira associação chamada “Associação dos Cientistas Sociais”, eu fui secretário geral, e o presidente era o Douglas Teixeira Monteiro e o tesoureiro era o Albertino Rodrigues. Essa associação tinha como objetivo fulcro levar a profissionalização da sociologia, ciências sociais.

RMJ: Perfeito.

GC: Eu queria até parar aqui, depois eu vou mandar para vocês, vou scanear. Na minha carteira de trabalho, eu tenho um carimbo escrito assim “fui registrado em 16 de fevereiro de 1982 como sociólogo, sob o número 402. Eu fui o 402 sociólogo do estado, no livro 3, folha 02, no Rio de Janeiro, 15041982”. Esse era um esforço profissional que nós fazíamos, que atualmente tem as suas antecedências políticas de organização, não é? Nesta época, por exemplo, a ADPUC é uma das pioneiras associações docentes na vida universitária. Tinha como presidente durante um período, logo foi superado esse período,

o Pedro Malan que atuava muito fortemente. Haviam muitas pessoas de diferentes segmentos, diferentes ideologias lutando pelos direitos. Porque os direitos foram muito descerrados, vamos dizer assim. E uma das bandeiras de luta minha lá, foi que houvesse eleições para o diretor do departamento de sociologia e política. E o reitor conseguiu, houve eleições. Três pessoas se apresentaram, eu fui uma delas. Esperando o voo lá em São Paulo, uma antropóloga chamada Zelia Seiblitiz, e a Helena Lewin. Candidatos todos fortes. E todos concorriam a uma folha de currículo. Mas para você ver como é que as coisas esquentaram no ponto de vista ideológico, porque vocês sabem que tem um percentual de peso para votos de professor, para os votos de funcionários, votos de alunos e tal.

RMJ: Sim.

GC: Escola de...

RMJ: Voto paritário, não é?

GC: Isso.

RMJ: Proporcional. Desculpa.

199

GC: Lá não é. Isso, proporcional. Exatamente. Paritário foi a nossa luta antes do golpe de 64.

RMJ: Sim. Verdade.

GC: A gente ganhou. [risos]. Bom, aí foram feitas as eleições. Eu tirei o primeiro lugar. A Helena Lewin tirou o segundo lugar. E a Zélia tirou o terceiro lugar. Compromisso era indicação imediata do vencedor. Mas a diferença era de 2,8, era pequena.

RMJ: Pouco.

GC: E começou a haver um movimento para indicar a segunda colocada, que era a professora Helena Lewin. Aí foi muito desagradável porque era a primeira vez que nós fazíamos eleições. O centro tecnológico já fazia. Eu me dei com coragem, com dedicação, entendeu? Ainda mais, quando, veja você... Eu não gosto nem de contar isso, mas conto para dar como exemplo. Uma vez um colega chegou para mim e disse assim “Gisálio, sai disso cara, você não vai ganhar não, quem vai ganhar vai ser a Helena Lewin”, eu falei

“Mas por que? Eu fui o primeiro colocado”, ele falou “Você vai para casa e vê a diferença de você para Helena, eu não estou dizendo que é pouca, que não sei o que, eu não vou por aí. Eu vou te dizer o seguinte, a diferença é mais ou menos idêntica a Salvador Allende no Chile”. Pô, eu fiquei gelado, eu falei “cara, tu está me ameaçando de morte?”

GR: [risos]

GC: “Tu está dizendo que se eu tomar posse, você vai me matar?”. Porque o clima era esse.

GR: Meu Deus.

RMJ: Mais é.

GC: O reitor levou 6 meses dizendo que não indicava ninguém. Eu já estava por aqui. Mas lutando, lutando, lutando... Infelizmente alguns coleguinhas resolveram fazer um abaixo assinado. Veja você, já em uma época que saímos da ditadura, não é? Me acusaram de ser membro do Partido Comunista Brasileiro, sem uma prova, sem nada que provasse. Passaram-se mais dois, três meses. Tem que pesquisar para ver 100% correto, mas para mim foram séculos. Porque uma vez o reitor me chamou e falou “professor, o senhor é comunista? você pertence ou pertenceu ao partido comunista?”, eu falei “não senhor”. Ele não me perguntou mais nada, ficou calado e falou “pelo o seu currículo, o senhor estudou em colégio católico”, eu não fazia ideia e disse assim “estudei sim senhor, estudei com os maristas”, e achei que estava fazendo bonito, não é? Jesuíta. Ele olhou sério para mim e disse assim “Aham” e levantou a cabeça. Depois, na minha ignorância, a gente estuda tanto para chegar a conclusão da nossa ignorância. [riso]

GR: [risos]

RMJ: Verdade.

GC: Os jesuítas e os maristas brigam entre si na igreja católica. E sabe por que? Isso é muito interessante. Os jesuítas têm uma formação mais fortemente tomista, São Tomás de Aquino. Os maristas, em um determinado momento, aderiram à quase dissidência de Blas Pascal, o pascalianismo.

RMJ: Sim.

GC: Que é a versão dos oratorianos que sempre mandaram no império brasileiro, eles eram pascalianos. E os historiadores só muito recentemente... Mas esse é tema para os cientistas sociais também, para os sociólogos debruçar.

RMJ: Claro.

GC: Não estou falando entre o catolicismo e o protestantismo ainda. Estou falando no interior do cristianismo. As influências pascalianas versus as influências jesuíticas. Quando eu comentei com a minha mulher que é historiadora, como eu tinha falado com o reitor, ela falou “pô, mas você é demais, tem que ficar calado, fecha essa boca, fala muito”.

[risos]

GC: Eu falei “fui sincero, falei o que eu penso”. Mas eu não sabia disso. Fato é que passado 10 dias a mais, o reitor me ligou.

RMJ: A associação de docentes da PUC Rio?

GC: Para diretor.

RMJ: Para diretor.

GC: Da escola de sociologia e política.

RMJ: Da escola. Sim.

GC: Que é um cargo muito forte para compor, a eleição era para isso.

GC:A associação de docentes foi fundada e está lá de pé até hoje.

RMJ: Sim. Verdade.

GC: Como as AD's das universidades federais estão lá até hoje. Você está entendendo? Agora, eu cheguei a ficar três mandatos sucessivos. Fui um diretor muito exitoso, fundei um programa de pós-graduação muito importante. Mas em nenhum momento os que disseram que eu era comunista abandonaram a luta contra mim, e por fim, com o auxílio eu não sei de quem porque isso eu não cheguei a pesquisar, acabaram me demitindo. Felizmente, no momento que a demissão ia ocorrer ela teve que ser suspensa. Foi suspensa porque o Brizola me chamou para trabalhar no governo dele.

RMJ: Ah, o senhor cita. No segundo governo, isso é década de 90?

GC: Isso. Já no segundo governo.

RMJ: 1991 a 1994, não é?

GC: Isso. Aí eu fui trabalhar no governo Brizola. Fui trabalhar exclusivamente na área de segurança pública.

RMJ: Sim.

GC: Trabalhar na UERJ. Exatamente porque eu não era da UERJ, então eu não conhecia ninguém da UERJ, nem a própria UERJ. Mas instalamos no décimo segundo andar, acho que hoje funciona letras.

RMJ: Isso.

GC: Escola da Cidadania, Centro de Educação, Centro Unificado para a Política de Segurança Pública. Foram experiências pilotos de três anos e meio, porque por um bom tempo, quase meio ano foram obras, obras.... Porque o décimo segundo andar estava nunca utilizado, entendeu? Mas foi uma experiência muito exitosa porque com o pessoal da UNESCO... Também essa história é maravilhosa, vou te contar rapidamente.

RMJ: Tá.

GC: O pessoal do UNICEF ajudou muito. Foi em uma época em que nós implantamos também o Estatuto da Criança e do Adolescente, não é. Agora, o Nilo é um sujeito muito entendido do assunto.

RMJ: Nilo Batista?

GC: Nilo Batista, não há dúvidas quanto a isso. Mas ele me deu carta branca e tinha horas que eu ficava sem graça e dizia para ele “pô Nilo, eu estou percebendo que você tem vontade de dizer “Gisálio, vem ser vice-governador que eu vou lá para ser diretor da escola”. Porque eu percebia que ele queria mesmo estar fazendo o que eu estava fazendo na escola, entendeu? Porque o plano era dele. Ele era muito polido. Você pegava aquele pessoal todo da polícia, piloto. Então, por exemplo, polícia militar, só comando. A gente trazia para dentro da universidade. Dava aula para 30 deles indicados pelo Coronel Nazareth Cerqueira. O auge do racismo. Vieram me dizer “o senhor só está aqui, o senhor

não entende nada de polícia. O senhor só está aqui professor, porque o senhor é parente do coronel Cerqueira”. Não tinha o que dizer cara, o Coronel Cerqueira é negro de ponta a ponta.

RMJ: Verdade.

GC: Eu abri os olhos para o cara ver que meus olhos eram verdes. Eu falei “você conhece o Coronel Carlos Magno Nazareth Cerqueira”, “Não senhor”, “Pois é, ele ganhou o prêmio de melhor aluno nos três cursos da polícia militar, é advogado, tem um curso brilhante”. Não falei que ele era negro, mas falei “procure uma foto do coronel para você ver”. Mas o sujeito veio me cobrar isso, rapaz. Não entra na minha cabeça isso, entendeu? Nós íamos para as comunidades, para as favelas. Evidentemente o Brizola não queria conflitos, ainda mais com o pessoal do tráfico, e ainda mais nas áreas demarcadas. Uma vez, um policial militar me disse assim “o senhor sabe o que eles fazem aqui, os policiais? Nada, eles ficam parados olhando”. Sim, porque a determinação não podia atirar, não podia fazer o que se faz hoje, entendeu?

RMJ: Sim.

GC: Era guerra rigorosa. Ainda não foi estudado isso, mas veja bem, o Dilson tinha muito gosto de compreender, ao mesmo tempo que o Brizola disparou um projeto que tinha ligação com os CIEPS, e tirar as crianças da rua para colocar em um horário integral, e eu dizia para o Brizola “Brizola, esse problema do horário integral, é um problema que você próprio não tem noção direito, esse problema tem a ver com as religiões, tem a ver com o catolicismo, tem a ver com judaísmo, tem a ver com protestantismo com a escola nova, com Blas Pascal”. Mas isso era complicado, o mesmo conversava isso com o Darcy Ribeiro. O Darcy Ribeiro achava que os professores iriam abraçar o CIEP, eu dizia “não vão, Darcy. Calma. Devagar”. Um belo dia, nessa escola já inaugurada, vejo um sujeito de mais ou menos uns cinquenta anos feito alucinado correndo na frente da mesa. O Brizola ia esse dia por causa da inauguração. Esse sujeito era negro, estava mal vestido mas de terno, uma gravata completamente com o nó mal dado. Eu me aproximei dele e perguntei “O que o senhor faz aqui? Quem é o senhor?”, e ele me respondeu em francês. Eu fiquei meio perplexo. Aí eu perguntei para ele “Mas quem é o senhor? O que o senhor

faz aqui?’, ele mete a mão no bolso, era um cartão, era o diretor geral de educação da UNESCO da ONU.

RMJ: Olha.

GR: Caraca.

GC: Eu “Por favor, o senhor vai sentar na mesa”.

RMJ: [risos]

GC: Peguei o sujeito, levei ele na mesa e coloquei ele na mesa.

GR: [risos]

GC: Quando acabou eu falei para ele “Agora eu vou receber o senhor na minha casa”. Nessa época eu morava do lado do morro do salgueiro. Eu falei “o senhor vai tomar um lanche olhando para o salgueiro a noite”. Olha, não estou exagerando, o cara só chorava e dizia “Professor isso é o Benin. Isso é o Benin. É de onde eu vim, o Golfo do Benin”.

RMJ: Olha.

GC: Entendeu? Eu botei para ele um CD de um violão, mas o homem não parava de chorar, rapaz. E ele fez questão de ajudar os CIEPs, entendeu? É uma coisa notável. Agora, enquanto estudo piloto fracassou. Desgraçadamente, a própria universidade que eu trabalho, Universidade Federal Fluminense, produz cursos na área de polícia, que estão mais para a polícia do que propriamente... do que *social work*. Outro dia mesmo, antes da pandemia, o menino estava fumando lá um baseado qualquer, e dois alunos da segurança se aproximaram do garoto, estavam com mais outros. O cheiro é fácil, venta ali na orla, deram voz de prisão para o garoto. O cara é aluno, pô, é da polícia militar mas é aluno. Nesse momento, eu fui só testemunha, eu estava passando e vejo uma garota, não conhecia ela. Completamente diferente, a garota chega ali e começa a berrar. Berrar mesmo “Não pode. Não pode”. Todo mundo para, ela tira os dois cigarros da boca dos garotos que estão com baseado na mão e joga na baía. Joga na água. Os dois agarram a garota e a garota diz assim “Não me toque. Sou advogada da OAB registro tal. Os senhores estão presos. Os senhores não têm direito de dar voz de prisão no campus da universidade pública”. Prendeu os dois, cara.

RMJ: Olha.

GC: Isso não vem na imprensa. Isso não sai não, entendeu?

RMJ: Verdade.

GC: Então, o que eu quero dizer, eu não sou um profissional nem um cientista social da área de segurança pública, mas os estudos que promovemos na UERJ, olha, a turma de delegados da polícia que nós formamos na UERJ, tinham um quinto de mulheres delegadas que saíram com uma formação, inclusive de Psicanálise.

RMJ: Pois é.

GC: Política. Você está entendendo? Agora, tinha deboche, tinha de tudo. Eu vivi coisas espetaculares ali. E veja bem, respeitando a posição de cada um, entendeu? Havia um clima de diálogos, de conversa. Eu sabia que era piloto, mas eu comentava também, o problema é o seguinte: se você não investe pesado na educação básica popular gratuita, com qualidade e com todos os serviços de horário integral. Não dá. E eu dizia para o Brizola “Brizola, você tem toda a razão. Mas mesmo que você faça tudo isso, tem mais ainda para fazer”. Eu conversei com uma mulher no Borel e perguntei “Quantos filhos você tem?”, “Cinco”, “Eles estão no CIEP?”, “Não. Escola de pobre. Colocar meus filhos no CIEP? Eu não”, eu falei “Mas os cinco poderiam estudar o dia inteiro”, “Não”. Aí me passou pela cabeça, imagina você, e eu perguntei “me diga uma coisa, qual é o seu sonho? Qual é o seu desejo? Aonde você gostaria de colocar os seus filhos?”. Sabe qual foi a resposta que ela me deu?

RMJ: Qual? Não.

GC: O Colégio São José.

RMJ: Imagino. [risos]

GC: Aí dentro, dentro, dentro um silêncio total. Minha vontade era dizer “Assim? Como você está fazendo? Sabe quando isso vai acontecer? Nunca”. O marido dela trabalhava como garagista do colégio dos meninos que chegavam. Era isso. Então, se você não conseguir levar a política pública na discussão do Estado para o campo sociológico propriamente dito, onde o confronto com a questão ideológica é fundamental, mas

também dos afetos, dos sentimentos. Nós não vamos alcançar. Nós estamos vivendo isso nesse momento.

RMJ: Verdade. Gisálio, deixa eu... Eu vou insistir nesse ponto da ACISERJ.

GC: Isso.

RMJ: Porque ele é importante para a gente. Imagino que você tenha aí algo a falar da Associação, como é que era esse cenário.

GC: Na década dos 70 por causa da PUC, eu me vejo muito engajado na Associação dos Cientistas Sociais.

RMJ: Do estado do Rio de Janeiro, não é?

GC: Do Rio de Janeiro. Você sabe que a UFF no lugar da FNfi tem uma espécie de sucessora. Não consegui. O curso de ciências sociais na UFF é uma porcaria.

RMJ: [risos]

GC: A ditadura se sente feliz, entendeu? Por isso, o curso para valer na UFF, no campo das ciências sociais, é história. Um dos únicos, entendeu?

RMJ: É bem forte.

GC: Mas naquela época, o Santo Conterato...

RMJ: Pois é.

GC:... era o coordenador da área de ciências sociais. Santo Conterato, meu colega desde a primeira na UFF. Não sei se você sabe que ele foi padre.

RMJ: Não. Não sabia dessa informação.

GC: No auge do momento em que fui demitido, não foi ele que protagonizou, mas foi ele que participou direta ou indiretamente. Havia aí, algo do Santo Conterato. Quem liderou foi um aluno chamado Jorge que era do IFCS, de origem árabe, mais velho, devia ter uns 60 anos, muito amigo também do Chico de Alencar porque ele frequentava a Tijuca. Bom, ele foi aluno do IFCS. E ele resolveu fazer uma manifestação, daí você vai entender, que o Santo deu um apoio e um outro colega Rollin, já ouviu falar?

RMJ: De nome assim não.

GC: Estudou pentecostalismo. Rollin, professor nosso, foi padre dominicano. Elter Dias de Maciel, pastor protestante, professor nosso, da UFF, Lysâneas, irmão dele, Maciel

RMJ: Maciel, perfeito.

GC: Com isso, eu quero te dizer que havia um quadro sociológico ali, que estudavam as religiões no momento em que as associação mundial das igrejas, aliás tem um belo parque deles da Batista, que é um lugar onde eu voto na Tijuca. Essas religiões todas, embora parecem às vezes tão distintas, diversas, tem afetos e sentimentos muito similares. E o Jorge inventou uma passeata como se faz muito na Europa, e como se faz muito na Alemanha, e como se faz muito Munique, não é à toa que Munique é uma cidade religiosa por excelência e mais católica que protestante, luterana. Os alunos saíram em passeata do campus do Gragoatá para as barcas à noite para não parecer uma posição, cortaram velas dentro de um conteúdo de vidro, sei lá, parecidos, para não dar impressão de meramente uma procissão. Porque não era uma procissão, era uma passeata. Mas como os cursos nossos são noturnos, foi a noite. Como ali não era iluminado, foi iluminado feericamente. Então, acabava por ganhar um contorno. Olha que coisa interessante, afetuosa, não é religioso, é afetuoso, mas que combina com os afetos da religião.

RMJ: Sim.

GC: É muito interessante. Isso ocorreu. Então, eu acho que as ciências sociais, elas são importantes na medida que elas oferecem alternativas de pensamento e de ação para os nossos problemas. Para você ver, o próprio Brizola, o próprio Nilo, entraram feericamente dispostos a acabar com o morticínio. Criou-se no gabinete no Nilo Batista um grupo espetacular de pessoas variadas, alguns que saíram até da polícia secreta da ditadura para apoiar a transição democrática, no sentido de criar um mecanismo de delação, não tinha o nome premiada de delação de assassinatos pelo esquadrão da morte e grupos símiles. Isso é uma coisa completamente diferente de você incensar uma política de delação. Você está entendendo?

RMJ: Sim.

GC: Então, uma série de iniciativas foram boicotadas. O Brizola apostava todas as suas fichas que seria capaz de dobrar o Roberto Marinho. O Roberto Marinho não foi dobrado. O Roberto Marinho não quis fazer aliança. Se o Roberto Marinho estivesse vivo hoje eu ficaria louco para ver como está a TV Globo.

RMJ: Verdade.

GC: E as coisas acontecem. Mas o Rio está em uma situação de degradação, que pede por um outro olhar na segurança, pô. Entendeu?

RMJ: É verdade.

GC: Quem tem que falar são as pessoas anônimas. São as pessoas que conhecem ali, o dia a dia, pô. Não dá para você ficar querendo transformar isso em um "saber" que morre antes mesmo de equacionar o problema.

RMJ: Verdade. Gisálio, a gente está chegando a duas horas de entrevista.

GC: Meu Deus do céu.

RMJ: A gente falou bastante. Eu vou outra vez insistir nessa questão da ACISERJ, porque para a gente é... Não sei se você consegue.

GC: Vamos localizar, é importante você falar isso. A ACISERJ, qual era o objetivo dela? Colocar o registro do profissional, o sociólogo na carteira de trabalho.

RMJ: O que acontece em 1980 com a lei, não é?

GC: Sim.

RMJ: 6.888, é isso?

GC: Isso. Uma lei específica.

RMJ: Algum evento marcante dessa convivência que você teve no interior? Ou dos debates que aconteciam ali, grupos, nomes? Você falou do Santo. Não sei se você chegou também a presenciar a criação da APSEJ, que aí já era a associação de profissionais.

GC: Eu acho que a vitória foi parcial. Está regulamentado, mas a nossa intenção era regulamentar muito anteriormente, entendeu? Por que não foi regulamentada? Os *big bosses* das ciências sociais, os grandes das ciências sociais não queriam. Os grandes

sociólogos em pesquisa, de escritório e pesquisa, professores da pós-graduação estabelecidos, e que não largam o poder, fizeram corpo mole. Então, o que aconteceu? Ficavam os mais jovens, entre os quais eu me incluía, ficavam os que não estavam no topo da sociologia ou das ciências sociais. Às vezes podia estar no topo da criatividade, do conhecimento, mas institucionalmente não decididamente. E eu te dou um exemplo, se eu soubesse que você foi professor, foi aluno do Dilson, eu colocaria o lado do Pedro Casaldáliga ao Dilson Mota. Porque o Dilson Motta é o protótipo do sociólogo com ideias maravilhosas, conceitos novos. Eu ia passar a beber dessa fonte. Investigações. Você está entendendo? Mas ele não era do IUPERJ, e o pessoal do IUPERJ não queria nem dar bola. Eu fiz o IUPERJ. Eu fui o oitavo mestrando do IUPERJ, mas eu briguei para caramba para fazer o IUPERJ, inclusive para defender a tese, entendeu? Eu posso dizer isso sem nenhum problema, porque foram tantas as lutas que ao longo da minha vida eu tive que fazer para alcançar algo que devia vir naturalmente com o reconhecimento, e muitos acabavam indo para as associações, tipo a de cientistas sociais profissionais, com um pretexto válido da regulamentação profissional, isto ocorreu também na psicologia, eu digo isso no roteiro de vocês. O que eu percebi aí? Eu percebi que até hoje existe, e existe de uma forma que não me agrada, uma dispersão, para não falar uma bagunça, dentro da esquerda. E eu chamo esquerda na falta de um nome melhor, porque não precisa nem ser marxista, as pessoas que não estão na direita. É tanta fofoca, é tanto disse-me-disse, é tanta confusão. Às vezes você sustenta algumas semanas de emoção em uma dinâmica dessa, você está entendendo? Um ou outro conhece alguém interessante que pode abrir uma porta, outros são mais idealistas, outros são menos. Mas o que eu quero dizer, no resumo de algo que foi muito importante, é que a diversidade e falo assim com todas as letras, político e ideológico, ou ideológica-política. Muitas vezes obliterava, dificultava o alcance dos objetivos maiores, está entendendo?

RMJ: Isso aconteceu na ACISERJ também?

GC: Depois que você institucionaliza sempre o caldo fica menos ralo, fica mais engrossado. Enquanto se está nas lutas e também, veja, nós não tínhamos a idade que temos hoje, tínhamos 30, 35 anos, era outro momento da vida.

RMJ: Claro.

GC: Não é? Mas eu acho que essa diversidade exagerada, por exemplo, eu lhe digo, o general de exército brasileiro Muniz de Aragão, foi irmão do reitor Moniz de Aragão da UFRJ, muito importante, todas as estrelas do exército. Eu fui professor do filho dele no Colégio São José, porque houve um momento de interseção que eu estava em atividade na associação, estava dando aula no São José nos últimos anos, estava na faculdade começando também. Nesse Colégio Champagnat que eu dava aula, estudou na primeira, segunda e terceira série, neto do Costa e Silva, chegava lá com uma comitiva de segurança, uma reunião de pais e mestres, no finzinho meu do São José, eu já estava a 4 anos na universidade particular, começando a UFF, ele se levanta da cadeira muito bem vestido, eu conhecia ele de fotos do jornais. Eu lia muito jornal. Ele dá uma corrida. Uma corrida boa que ele dava no salão, para diante de mim, aponta o dedo e diz assim “o senhor é um comunista”.

RMJ: [risos]

GC: Rapaz. Isso tem a ver com o que eu estou falando. Entendeu? O que eu faço? Eu me levanto. Eu que não servi o exército por sugestão do comandante aqui de São Cristóvão que disse para mim “professor, com o seu salário e o lugar que o senhor trabalha, o senhor vai perder tempo no exército, não faça isso, sou um homem mais velho que lhe dou esse conselho”. Eu segui esse conselho. Eu me levantei da cadeira que eu estava sentado na mesa, fiquei em posição de “sentido”, sem bater continência, óbvio, para o Muniz de Aragão e disse “o senhor, pai de meu aluno fulano de tal, está enganado”.

RMJ: [risos].

GC: Entendeu? Felizmente não aconteceu nada. Eu pensei que ia tomar um sopapo, não tomei. Mas o que eu quero dizer é que esse clima, que é muito próprio na ditadura, de disse me disse, de acusa, de lata, de falar por trás, de dizer que você é isso, é aquilo, e não prova, não faz. Teve outro que mandou para o reitor do colégio e dizendo que eu dirigia uma célula do PCB, pedi para ele que dissesse qual era a célula e se ele não dissesse em 48 horas eu entrava na justiça contra ele por difamação. Era um comandante de um quartel batalhão de Obuses de Recife, rapaz.

RMJ: Olha.

GC: Recife. Eu estou no Rio de Janeiro. Como é que pode? Isso daí é... Entendeu?

RMJ: Formação. Gisálio, a gente realmente está em duas horas e sete agora. Eu ia propor para que a gente fosse para esse finalzinho, que a Gracielle pudesse fazer essa parte final, que é uma parte mais aberta para você falar. Eu vou deixar a palavra com a Gracielle e a Gracielle faz esse final. Mas já te agradecendo bastante, foi muito rico seu depoimento, a gente pegou muita coisa aí sobre a história das ciências sociais no Rio de Janeiro, pela sua relevância, óbvio, também. Mas com seu depoimento certamente vai ficar registrado para os pesquisadores mais jovens e também os mais antigos terem esse registro. Gracielle, faz aí nossas honras.

Gracielle Rodrigues (GR): Gisálio, depois de você ter falado todas essas coisas, agora a gente vai para os adendos. Você pode falar o que faz atualmente?

GC: Sim.

GR: Na profissão da área de ciências sociais.

GC: Desde de 1982 quando nós denunciemos por função de ofício o doutor Amilcar Lobo, estudante de psicanálise, médico psiquiatra da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro, que era torturador no DOI-CODI da Polícia do Exército, foi uma denúncia que fizemos com um grupo de psicanalistas, o Hélio Pellegrino à frente. Não sei se vocês sabem que o Hélio Pellegrino, presidente da comissão da passeata dos 100 mil célebres no Rio de Janeiro. Era psicanalista, era da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro. O Carlos Alberto Barreto, médico psiquiatra. Fábio Lacombe. Nós tínhamos cerca de nove alunos médicos psiquiatras e acompanhavam um seminário que eu vou caracterizar assim, embora tenha sido este começo, eu comecei a estudar o que eu chamo hoje de afetos políticos. Os efeitos políticos dos afetos, dos sentimentos. De 1982 a 2014, quando eu defendi a minha tese de professor titular na UFF, o título da tese foi “O Afeto é Político”. Eu estou trabalhando presentemente então, já fazendo aí mais de 30 anos, uns laços da sociologia, da história, do direito com a psicanálise, da antropologia. Eu defendo um paradigma pluridisciplinar. Gosto muito da sociologia, sou professor titular de sociologia na Candido Mendes, mas não abro mão da história, não abro mão deste laço com a psicanálise. Me fascina trabalhar coletivamente. Me fascina a criatividade. Vou dar um exemplo, que eu acho também muito bonito, não sei se vocês já ouviram falar neste pensador que eu gosto particularmente muito, o Carlo Ginzburg, já ouviu?

RMJ: Já.

GC: Carlo Ginzburg é um estudioso das ciências sociais, não tanto que faz a relação com a psicanálise, mas ele estuda a ideologia. É um homem importante, tem vários trabalhos no Brasil, um deles foi apresentado na UFF sobre Hobbes e o título era “Reler Hobbes Hoje”, ele fazia toda uma relação que ele é muito cara, por isso eu sustentei desde a primeira hora com vocês, a relação entre as ciências sociais e as religiões, porque as religiões incluíam afeto, sentimento, etc.

GR: Com certeza.

GC: Eu estou longe daqueles paradigmas cerrados em um tema fechado, eu gosto de trabalhar. Uma das coisas que eu estou estudando hoje, por exemplo nessa dimensão, é o que é repentino, o que é ocasional, o que é fugaz, o que a maioria não percebe. Aí eu me pergunto “com quem que eu vou estudar isso?”, “isso o que mesmo, professor?”, eu digo “a improvisação. A improvisação na ação”, que hoje me parece uma das coisas mais importantes, que foi estudada por Gramsci sem o recurso da psicanálise, ele estava na cadeia, e ele não era psicanalista. Aí eu te respondo querendo que você me entenda, mas já dizendo que a resposta é esquisita, eu vou aprender a improvisação com um maestro Itiberê Zwarg que forma jovens cantores. O Hermeto Pascoal, com toda a idade que tem, mas com aquela energia com o que toca aquela centena. Centena mesmo de instrumentos. Eles estão sendo convidados para ir em universidades do Japão, Estados Unidos da América para falar sobre isso. Então, eu chamo esse paradigma de estético expressivo, porque ele envolve a ética, a estética e a expressividade. Teve uma vez que o Carlo Ginzburg veio falar na UFF à convite da Gisleine, sobre Hobbes. E nós levamos ele na floresta da Tijuca. Ele adorou. E fomos almoçar. Ele adorou também.

RMJ:[risos]

GC: Bebeu três cervejas, conversamos. Tudo maravilhoso. Ele disse “muito melhor do que ir no bondinho, pão de açúcar, cristo redentor”. Lá pelas tantas ele perguntou “vocês estão estudando o que e tal?”, a Gisleine e eu falamos “no momento estamos tentando entender melhor os chamados casamentos mistos”, o que são casamentos mistos? São casamentos de religiões diferentes, de um ponto de vista muito radicalmente diferente, para dar um exemplo já radical, de um palestino com israelense, um israelense super

fundamentalista com uma palestina anti israelense. Aí ele ficou olhando para minha cara, mas nós estamos estudando isso também no Brasil, no Brasil Imperial, no código civil brasileiro, “ah, vocês tem interesse no divórcio?”, “claro que temos, porque o divórcio chegou no Brasil muito tarde”. No final, nós já estávamos no final do almoço, ele diz assim para mim “Gisálio, agora a gente tem que ir embora porque eu ainda vou para Salvador, você viu aí no meu bilhete”, “eu vi, nós marcamos para você, mas o que você vai fazer em Salvador, rapaz? Você é turista? Vai conhecer Salvador?”.

RMJ:[risos].

GC:Fiquei assim meio debochando dele, porque ele podia ficar mais em Niterói com a gente, não é? Mas ele falou “eu vou embarcar para Salvador porque a minha filha mora lá, ela está casada com um brasileiro”, eu falei “não brinca, rapaz. Brasileiro? É mesmo? Lá em Salvador? Sério”, “Sério”, aí eu falei assim “e como é que ele é?” para ver como é que ele respondia, porque ele estava falando de casamento misto, ele diz assim “olha, eu vou te dizer uma palavra só, em duas palavras, o marido da minha filha é assim como Carlinhos Brown”.

RMJ:[risos]

GC: Ele estava dizendo que o marido dela era negro, pô. Negro como Carlinhos Brown. Consequentemente, afrodescendente com todo o peso da Bahia. Que ele, Carlo Ginzburg e a mulher, e portanto a filha são judeus. Isso é maravilhoso. Quando ele falou isso.

RMJ: Era seu próprio objeto ali na frente, não é?

GC: Rapaz, eu dei um abraço nele e falei assim “você entendeu tudo”. Entendeu? [risos]

RMJ: Perfeito.

GC: Você pode até achar que eu sou otimista, mas eu acho que nesse ponto, as relações de casamento mistos estão inclusive nas relações dos problemas no oriente médio. Agora, se você...

RMJ: Política dos afetos outra vez, não é?

GC: É. Se você falar isso para velha guarda ninguém quer estudar. Agora, se você falar isso para a garotada, a garotada quer estudar.

GR: [risos].

GC: Se você quiser dizer para a garotada o que vai estudar, eles mandam você passear.

GR: [risos].

RMJ:[risos].

GC: Porque não é para você ficar falando, é para você ficar escutando. [risos].

RMJ: Eu tenho um monte de cientistas sociais aqui que você falou que eu conheço.

GC:É para você ficar escutando, não é para você ficar... Você está entendendo?

RMJ: Nada, Gisálio. Isso aí é humildade sua.

GR: [risos].

RMJ: Eu tenho vários amigos – começando pela minha esposa que foi bolsista sua na UFF, a Isabel Ostrower, de iniciação científica, o Carlos Eduardo Oliva – que, quando eu falei que eu ia te entrevistar, mandaram abraço, falaram “ah, você vai entrevistar o Gisálio? Ele me ajudou muito”. Minha esposa estudou política dos afetos em ocupações urbanas pensando em relações políticas através de relações afetivas das mulheres mães, que eram lideranças políticas em ocupação urbana. Você tem uma influência grande aí, o pessoal te escuta sempre. Tem bastante coisa aí produzida.

GC: É isso, Roberto. Escuta sim. Mas escuta como um movimento de retorno, você entende? De ida e volta. Outro dia, agora por exemplo, não estou exagerando não, atualmente eu aprendo mais com as trigêmeas idênticas do meu filho do meio, nasceram a dois anos, com quase três, do que com quem quer que seja. Outro dia elas estiveram aqui em casa, eu chamei as três, botei no chão aqui, sentadas o tapetinho, não sei porque eu fiz isso mas me deu vontade de fazer, mostrei para elas três a tese de doutorado, elas não sabem o que é tese de doutorado, em alemão, muito menos alemão, de um aluno nosso que está atualmente em Bremen na Alemanha, defendeu essa tese em Munique, e na capa que é uma capa azul tem uma figura que é o Tobias Barreto. Ele faz uma tese do Tobias Barreto do ponto de vista sociológico e político, em especial com a documentação que nós não temos porque estão nos arquivos alemães.

RMJ: Olha.

GC: Aí eu mostrei para elas o livro e falei assim “isso aqui é um amigo do vovô que escreveu um livro”, mostrei, deixei elas segurarem o livro. Não falei nada e não queria nada, só conversando. Elas se viram juntas e falam assim “é homem preto”. Quer dizer, eu contei isso para o autor que está lá na Alemanha, ele disse “essas entenderam tudo”.

[risos]

RMJ: Verdade.

GC: O Tobias Barreto é exilado no Brasil. Elas não sabiam nada do Tobias Barreto, porque tomou atitudes independentes, com autonomia, anti religiosas, bem tipicamente sociológicas, entendeu? Então, isso é o que hoje eu estou estudando. Gosto muito dessa linha do Guimarães Rosa, porque eu acho que o Guimarães Rosa trabalha na descoberta dessas novas linguagens. Ele próprio viveu o casamento misto quando se separou da mulher e depois conheceu uma outra Araci da Alemanha. Então, eu estou nesse momento. Estamos editando uma revista que tem o título “Passagens, revista internacional de história política e cultura jurídica”, você repara que o nome não tem sociologia, mas a revista sendo pluridisciplinar é evidentemente sociológica. Hoje eu tenho alunos estudando os sons de forró da rabeça no sertão, quando tem gente pensando que a rabeça é um instrumento musical exclusivamente lusitano.

RMJ: Você hoje ainda está como professor na UFF, não é, Gisálio?

GC: Estou só na pós-graduação.

RMJ: Você é professor titular?

GC: Eu peguei... É. Eu peguei aquela lei que aos 70 você tem que aposentar-se.

RMJ: Compulsória, não é? Aposentadoria compulsória.

GC: Agora você pode ir aos 75, mas eu não peguei essa. Mas você pode ficar na pós, dar curso, estar em banca, fazer pesquisa, não ganha mais também.

RMJ: Sim.

GC: Mas a essa altura do campeonato já não quero ganhar não.

RMJ:[risos].

GC: O que eu ganho é ver o sorriso dos alunos e das alunas. E eu posso dizer a você, a cada dia eu me espanto um pouco mais. Nós temos oferecido, pela UFF, programas compactados para Roraima, para Rondônia, para o Amapá, sobre questões ambientais, sobre questões indígenas. Sempre entrando pelo campo da sociologia, entendeu? Eu acho que hoje não é uma virtude você ser um profissional exclusivista de uma área A, entendeu? Você tem que ter uma visão.

RMJ: Gisálio, eu acho que só tenho a te agradecer pela entrevista. E eu queria te mostrar uma coisa que eu tenho aqui em casa. Não sei se você lembra desse livro que você escreveu com o Leandro Konder e com o Eurico, uma coletânea. Tem textos seus.

GC: É verdade. Tem um artigo aí de um rapaz chamado André Médici.

RMJ: Isso. Sobre Marx e o meio ambiente.

GC: Esse cara hoje é um dos mais importantes sociólogos economistas da OMS. Ele domina as estatísticas sobre a pandemia. Só coisa fantástica, fantástica.

RMJ: Esse aqui na verdade eu confesso que é da minha esposa, que como eu falei foi sua bolsista na UFF, a Isabel Ostrwer, não sei se você lembra. E quando eu falei que eu ia te entrevistar, aí ela ‘ah o Gisálio, claro, eu fiz uma pesquisa sobre República com ele’, enfim. E então te agradecer muito, assim, foi muito valoroso, acho que para a Gracielle que está iniciando nas Ciências Sociais, está no começo desse percurso.

GR: Demais. Foi muito bom.

RMJ: Para mim que já iniciei em 1993, eu não te conhecia com essa proximidade. Te agradeço muito pela entrevista. Muito valorosa.

GR: Muito obrigada, Gisálio.

GC: Me desculpem se não foi tudo o que vocês precisavam.

RMJ: Foi ótimo. Vai ficar registrado na memória das ciências sociais.

GC: Obrigado.